

# LEITURA, GRAMÁTICA E ORALIDADE: AS INFLUÊNCIAS DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E ESCRITA DOS ALUNOS



## LUCIANA CHIARELLI NALE DA SILVA

Graduação em Matemática pela Faculdade UNINOVE (2001); Graduação em Pedagogia pela Faculdade UNINOVE (2014); Pós-graduação em Pedagogia Hospitalar (2023) Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na EMEF Maria Helena de Faria Lima.

## RESUMO

A gramática, a oralidade e a escrita foram se transformando com a sociedade, influenciadas pelas mudanças de hábitos e costumes, pela forma como as pessoas se comunicam e por influência direta dos veículos e ferramentas de comunicação. Se antes a linguagem era ditada por modos rígidos de conduta social, usando-se a norma culta e a escrita padrão, atualmente percebemos uma grande flexibilidade linguística, tanto na oralidade como na própria escrita. Entre os usuários das diferentes tecnologias, em especial da Internet, podemos quase classificar como uma norma própria de comunicação, com abreviações, códigos e termos utilizados entre seus usuários e que ditam a forma como esses indivíduos falam e escrevem cotidianamente, não apenas quando estão utilizando a rede, mas até mesmo em suas conversas olho a olho. Esses valores sociais e culturais representam a identidade de uma nova geração, que se apropriou da linguagem padrão/culta, transformando-a e adaptando-a à essa nova geração conectada. No entanto, se a tecnologia trouxe maior capacidade comunicativa, permitindo novos modelos de produção textual, aproximando a identidade cultural do indivíduo ao seu modo de se comunicar, podemos perceber também uma grande perda linguística, que afeta a capacidade do aluno em textos e documentos onde a escrita pede a gramática padrão e não apenas a reprodução da oralidade coloquial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Gramática; Linguagem; Produção textual.

## INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade conectada e com acesso direto à informação, cultura, filmes, livros, entre outros, que impactam diretamente o desenvolvimento e a forma como o sujeito se re-

laciona socialmente. As novas tecnologias influenciam o desenvolvimento intelectual e cultural, a leitura, a interpretação de textos, o consumo de diferentes mídias, transformando a maneira como o aluno se relaciona com as diferentes formas de aprendizagem.

Se a Internet permite ao homem ter acesso à informação em tempo praticamente real e transformou o modo como ele se comunica, podemos afirmar que impactou também os modelos linguísticos e a forma como esse sujeito conectado se expressa graficamente. O que antes era fruto das mudanças sociais, hoje também depende das transformações tecnológicas e do modo como isso afeta hábitos e costumes de seus usuários, influenciando desde o processo de aprendizagem como a própria forma de expressão linguística do indivíduo.

Podemos apontar aspectos positivos nesse processo de aprimoramento tecnológico que incide na aprendizagem do aluno e na forma como ele se relaciona e se comunica, desde o acesso a diferentes conteúdos, culturas e informações, que agregam positivamente no desenvolvimento do aluno, trazendo diversidade e ampliando as possibilidades de conhecimentos e vivências, mas alguns aspectos negativos têm afetado diretamente a aprendizagem do aluno, acendendo um sinal de alerta que não pode ser ignorado.

Sem a pretensão de aprofundar questões técnicas e linguísticas da aquisição da leitura e da escrita, sabemos que os primeiros passos do processo de alfabetização acontece através da observação da fala e associação à escrita, onde a criança é estimulada a identificar a relação entre fala, objeto e escrita. Essa escrita com valor sonoro é um dos primeiros processos que caracterizam a alfabetização da criança. Até aqui, tudo normal, não fosse o fato de estarmos acompanhando esse processo entre jovens que deveriam dominar ao menos as regras básicas da gramática e da oralidade, prejudicando assim a própria forma como se comunicam oficialmente, resultando então em grande dificuldade de produção textual em decorrência de termos ininteligíveis, excesso de gírias e palavras sem contexto com o assunto discorrido, pois ele passa a escrever da forma como fala, sem perceber que não é uso comum da língua padrão da sociedade.

## **LEITURA E ORALIDADE EM TEMPOS DE INTERNET**

A partir do domínio da linguagem e da escrita como ferramenta de comunicação, a sociedade foi sendo transformada por diferentes avanços que impactaram diretamente no modo de vida do homem e na forma como ele se relaciona socialmente, pois a linguagem oral é um dos aspectos mais relevantes do processo de relação interpessoal e na forma como o próprio sujeito compreende o mundo.

De modo resumido, podemos dizer que tanto a oralidade como a escrita são formas de expressão utilizadas pelo homem como modo de se comunicar e de representar seus pensamentos. Segundo Marcuschi:

[...] “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos vários contextos de uso (2001, p. 21).

Em relação às capacidades relacionadas a escrita e a leitura, Soares (2005) destaca um

amplo conjunto de habilidades de compreensão e interpretação textual, estabelecendo relações entre ideias, compreendendo desde a linguagem figurada como a informação extratextual, compreendendo assim a capacidade de compreensão, não apenas do reconhecimento dos signos linguísticos. Nesse contexto, a oralidade pode ser indicada como linguagem coloquial (informal), enquanto a escrita está associada à norma culta (ou formal). O problema é quando o informal acaba por ‘invadir’ a forma como as pessoas escrevem, ou seja, passam a usar a grafia das palavras tal e qual falam, o que temos percebido com grande frequência entre jovens em idade escolar.

Um dos grandes problemas na formação do indivíduo está justamente relacionada à dificuldade percebida entre pessoas com baixa escolaridade ou entre indivíduos considerados analfabetos funcionais, indicando sua capacidade de ler e escrever para fins utilitários e ações cotidianas, mas não apresentando a capacidade de interpretação textual. Esses indivíduos, em geral, apresentam grande dificuldade em relacionar o conhecimento às necessidades sociais, deixando assim de apropriar-se de uma das características mais importantes no processo de desenvolvimento cognitivo, que está relacionado à capacidade do indivíduo em compreender a aprendizagem como forma de transformação pessoal e social.

## **IMPLICAÇÕES SOCIAIS DA DIFICULDADE DE LETRAMENTO**

A leitura e a escrita representam um grande avanço social na vida de qualquer indivíduo, pois lhe confere autonomia para realizar desde tarefas cotidianas simples, como utilizar-se de transporte público, fazer compras, definir suas próprias escolhas, como tarefas mais complexas e de grande importância social, como exercer seu direito à cidadania por meio do voto.

A capacidade de escolhas de uma pessoa está diretamente relacionada com o que ela quer para si. Uma das considerações mais relevantes nas diretrizes e parâmetros para a educação nacional considera justamente a importância da formação crítica e reflexiva do sujeito, de modo a permitir sua capacidade de discernimento entre o que é certo e o que é errado, a habilidade de decidir com racionalidade e independência, tomando as próprias decisões, ou como diz Paulo Freire (1991) [...] “o exercício da reflexão é fundamental para desenvolver o pensamento crítico”. Em relação ao processo de aprendizagem, Freire coloca que:

“Uma escola democrática em que se pratique uma pedagogia da pergunta, em que se ensine e se aprenda com seriedade, mas em que a seriedade jamais vire sisudez. Uma escola em que, ao se ensinarem necessariamente os conteúdos, se ensine também a pensar certo”. (1991, p. 24)

Podemos então ressaltar a importância em aprender não apenas o domínio dos signos de linguagem, mas especialmente a compreender o qual é a mensagem que a escrita, o texto, a fala, o filme etc., traz para a vida do homem. Nesse contexto, compreender a palavra, seu significado e o que ela carrega de intencionalidade auxilia, então, a própria compreensão textual.

A linguagem coloquial, por si só, não negligencia a intencionalidade que a palavra pode carregar. No entanto, o que temos percebido, especialmente entre grande parcela da população mais jovem e usuária voraz das ferramentas de mídia e Internet, é uma substituição da própria linguagem coloquial por gírias específicas, códigos e palavras desconexas, que para um leigo no assunto

não faz o menor sentido. E pior, mesmo para os próprios usuários, esse tipo de linguagem acaba por descaracterizar significados, dificultando então a interpretação e a comunicação.

É justamente nesse sentido que destacamos a interferência das novas tecnologias como aspecto negativo na formação de jovens letrados, pois interfere diretamente em sua capacidade de compreensão social do texto e da linguagem enquanto ferramenta crítica e reflexiva de transformação.

O pensar de forma crítica e reflexiva traduz a capacidade do indivíduo em analisar, questionar, compreender, modificar. Como destacado por Freire (1991), traduz o questionamento, o inconformismo, a luta por mudança e melhoria. Para pensar de forma crítica o sujeito precisa ser capaz de entender a realidade do mundo em que está inserido, ser capaz de compreender a realidade que o cerca e como pode transformar-se a si mesmo e à própria sociedade em que vive, pois o pensamento crítico-reflexivo permite a compreensão das conexões entre diferentes ideias; identificação, construção e avaliação de argumentos; resolução de problemas; reflexão sobre as próprias crenças e valores. (FREIRE, 1991).

Como destacado por Soares (2005), podemos distinguir o letramento a partir de duas concepções distintas: a individual e a social. A primeira ressalta as capacidades individuais do sujeito relacionadas à escrita e à leitura, assim como as habilidades de compreensão e interpretação textual, permitindo assim que ele consiga estabelecer relações entre o que lê, ouve ou assiste, com sua própria cultura pessoal, com o que pensa, ou seja, é capaz de contextualizar, reconhecer as mensagens subliminares. Para a autora:

À luz dessas considerações sobre o grande número de habilidades e conhecimento que constituem a escrita e a leitura, a natureza heterogênea dessas habilidades e conhecimentos, o amplo leque de gêneros de escrita e de portadores de textos escritos a que essas habilidades devem ser aplicadas, claro está que o conceito de letramento de alfabetização é extremamente impreciso, mesmo se tentarmos formulá-lo considerando apenas as habilidades e os conhecimentos individuais de leitura e escrita. (Soares, 2005, p. 32)

Quanto a dimensão social do letramento, Soares (2005) ressalta o que se espera do texto lido, da comunicação traduzida em análise crítica-reflexiva, ou seja, as interações que se estabelecem entre leitor e leitura, entre o sujeito e o texto, as representações e os valores traduzidos na leitura e na escrita a partir da capacidade de transformação de si mesmo e da sociedade em que está inserido.

Porém, o que temos vivenciado na sociedade moderna é o crescimento contínuo e acelerado do uso das tecnologias de comunicação por diferentes sujeitos, das mais diversas idades e condições sociais, especialmente jovens e crianças que cada vez mais são absorvidos pelo uso regular da Internet, nas mais variadas formas e conteúdo, que são traduzidos em linguagens adequadas ao público que se direciona. Isso por si só não representaria um problema, pois a informação pode ser positiva para o desenvolvimento e a formação crítica do sujeito. No entanto, por tratar-se de conteúdos adaptados à linguagem midiática e a um público específico, também a linguagem utilizada é diferente da usual, o que decorre, isso sim, em um grande problema.

## DAS RELAÇÕES ENTRE A ESCRITA, A ORALIDADE E A INTERNET

O uso da rede como ferramenta principal de leitura e escrita pelos jovens, especialmente o uso de chats de conversação e aplicativos de troca de mensagens, têm alterado significativamente a forma como esses indivíduos escrevem, utilizando-se de frases curtas, abreviações de palavras e termos ou mesmo de códigos aplicados para representar uma frase completa. Com isso, temos percebido essa ciber-linguagem utilizada também em textos formais, comprometendo a linguagem considerada norma padrão.

Aos poucos, o jovem foi de adequando à essa nova forma de escrita e comunicação, o que tem se refletido em dificuldade para a produção textual e a contextualização de seu significado, no cotidiano e na rotina, tanto escolar como da própria vida do cidadão. Como destacado por Fasciani:

[...] “nenhum instrumento ou tecnologia inventada pelo homem pode ser intrinsecamente positivo ou negativo, certo ou errado, útil ou perigoso. É só a utilização que disso se faz que pode ser julgada com regras éticas.” (1998, p.119).

Há, no entanto, quem defenda que essa falha de linguagem vem, na verdade, explicitar a necessidade da educação em assumir seu papel formativo de modo a traduzir as necessidades do aluno e da sociedade moderna, e o modo como as novas tecnologias de comunicação afetam e podem ser aproveitadas no desenvolvimento do aluno. De acordo com Braga (2007), os erros gramaticais e as dificuldades linguísticas dos alunos configura-se mais com a deficiência pedagógica no processo ensino-aprendizagem que uma negligência do aluno. Para a autora, essa migração da linguagem virtual para a escrita formal denota a necessidade da escola em encontrar [...] “caminhos mais produtivos para ensinar as normas que regem os usos mais formais da linguagem escrita” (Braga, 2007, p. 189).

Vale destacar que o processo de aprendizagem da leitura e escrita não pode estar apenas centrado na capacidade do aluno em decodificar os signos de linguagem, mas sim em permitir sua habilidade de compreender essas ferramentas como instrumento transformador, pois não é a alfabetização em si que transforma o indivíduo, mas sim como ele se apropria das informações à partir da leitura e da escrita como instrumento crítico-reflexivo, e que deve ser um ato contínuo desde os primeiros passos do processo ensino-aprendizagem. Como destacado por Ferreiro & Teberosky:

“Não podemos esquecer, porém, que a alfabetização tem duas faces: uma relativa aos adultos, e a outra, relativa às crianças. Se em relação aos adultos trata-se de somar uma carência, no caso das crianças trata-se de prevenir, de realizar o necessário para que essas crianças não se convertam em futuros analfabetos”. (1999, p.19)

É preciso então garantir um ambiente alfabetizador que valorize a linguagem, concebendo não o texto em si, mas a aquisição de aprendizagens que valorizem a linguagem como instrumento de valorização da leitura e escrita, concebido a partir da cultura do próprio sujeito e a partir de diferentes gêneros textuais, respeitando os diferentes dialetos regionais e individuais, procurando desmistificar as diferenças enquanto erro ortográfico, mas a partir de sua compreensão como diversidade cultural. De acordo com Ramos (1997), é necessário compreender a relação entre a aprendizagem da ortografia e a sistematização cotidiana com textos expressos. Para a autora, a superação dos problemas linguísticos necessitam de [...] “prática oral e escrita para serem minimizados, o que inclui a audição, discussão, repetição, transcrição e “tradução” de textos do estilo

cuidado, assim como a leitura de textos de diferentes estilos” (1997, p.11). Vale ressaltar que:

“Na classe das diferenças de estilo estão incluídas tantas formas que aparecem na fala das pessoas cultas, quer em situação de monitoração quer em situação espontânea, como também formas que não aparecem na fala das pessoas cultas, tais como: “nóis foi”, vá drumi” etc. Por serem estigmatizadas, estas últimas devem ser tratadas na escola com naturalidade e “traduzidas” por formas de dialetos padrão. E é exatamente por seu peso social que seria importante o professor estar atento a elas, de modo a evitar que sua atitude de rejeição se manifeste”. (Ramos, 1997 p.11)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O domínio da escrita e da leitura não garantem que o aluno seja capaz de compreender o texto em suas diferentes propostas, especialmente a partir da concepção de letramento. Assim, ao conceber a escrita como forma de representação crítico-social, admitimos que o simples domínio dos signos de linguagem não o sujeito um leitor e escritor competente, pois não consegue correlacionar o que lê às mensagens traduzidas pelo autor ou a suas próprias experiências e vivências.

Cabe a escola promover conhecimentos que permitam ao aluno reconhecer a escrita vinculada a oralidade, mas não dependente dela, compreendendo seus modos de representação e as diferentes formas de traduzi-las, preservando sua significância e, principalmente, valorizando as experiências sobre as práticas sociais de produção e compreensão/interpretação.

Não são as novas tecnologias ou seu uso que tem estigmatizado a incapacidade do sujeito em compreender a leitura e a escrita em sua norma culta, mas a própria concepção do ensino da linguagem que não compreende as transformações sociais da sociedade moderna e como atender às necessidades do aluno. Certamente que o próprio sujeito necessita também conceber a língua e os dialetos em suas singularidades, acessando as diferentes formas textuais a partir de múltiplas formas de escrita. Assim, a partir da sistematização do ensino, é possível elaborar diferentes contextos para que o sujeito se aproprie das noções e técnicas do ensino-aprendizagem da língua, desenvolvendo suas habilidades orais e escritas em diferentes formas de comunicação e linguagem.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, D. B.; **Letramento na internet: o que mudou e como tais mudanças podem afetar a linguagem, o ensino e o acesso social.** in: KLEIMAN, Angela B.; CAVALCANTI, M; C.; **Linguística aplicada: suas faces e interfaces.** Campinas: Mercado das Letras, 2007.

BRASIL.; Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC, 1997.

FASCIANI, R.; **Novas tecnologias informáticas, mas média e relações afetivas.** In: PELUSO, Ângelo (Org.). **Informática e Afetividade: A evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos?** Bauru: EDUSC, 1998.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A.; **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, P.; **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez; 1991.

MARCUSCHI, L. A.; **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

RAMOS, J. M.; **O espaço da oralidade na sala de aula.** São Paulo: Martins fontes, 1997.

SOARES, M.; **Letramento e alfabetização: As muitas facetas.** Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Anual do ANPED, Minas Gerais, 2003.

\_\_\_\_\_.; **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto, 2005).

TEBEROSKY, A.; CARDOSO, B.; **Reflexões sobre o Ensino da leitura e da escrita.** Campinas: Unicamp, 1995.